

A Árvore da Fortuna I, na confluência entre a História e o Cinema

Maria das Graças S. D. Magalhães
Professora Adjunta do Departamento de História da UFRR

Introdução

Já não constitui nenhuma novidade para historiadores a utilização de filmes como fonte para a pesquisa e para a análise históricas. A título de exemplo, podemos citar Cardoso e Mauad (1997), que corroboram Marc Ferro, o qual concebe o filme como um produto, uma imagem – objeto, cujas significações não são restritas apenas ao campo cinematográfico. Para Ferro, o filme é, antes de tudo, um testemunho.

Desde já torna-se importante salientar que o trabalho do historiador nem sempre se apoia na totalidade ou no conjunto de uma obra fílmica: às vezes, pode-se usar apenas seqüências de filmes ou mesmo imagens selecionadas e destacadas. Entretanto, não se deve perder de vista que não se pode deixar de integrar o filme ao contexto social em que surgiu, o que torna necessário o confronto da obra cinematográfica com elementos não-cinematográficos, tais que autor, produção, público, regime político, com suas diferentes formas de censura, etc.

O objeto da análise que ora propomos é o filme **A Árvore da Fortuna I**, um documentário que narra os acontecimentos históricos ocorridos no período do “ciclo da borracha” na Amazônia brasileira, no fim do século XIX e início do XX.¹ Foi produzido pela T.V Cultura, de São Paulo, em 1992, com o objetivo de promover a cultura amazônica. Como já deve ter ficado evidente, a nossa análise será feita sob o ângulo da historiografia. Para tanto, torna-se importante ressaltar a união da história com o cinema, a partir da junção da escrita e da imagem, o que propicia ao historiador utilizar os filmes como fontes históricas.

O presente artigo tem por objetivo estabelecer uma relação entre a realidade criada pelo cinema e a realidade histórica do ciclo da borracha. Assim, buscamos apoio em Flores (2002), para quem o cinema facilita a criação de uma época passada, dos costumes antigos, bem como da reprodução de técnicas esquecidas, de uma maneira rápida e econômica. O filme é, ainda segundo o autor, capaz de desenvolver o futuro e apreender as lacunas existente sobre a cultura de épocas passadas. Esse é o pressuposto básico que dá suporte à análise.

¹ Como se percebe, também comungo do pressuposto de que os filmes são testemunhos das épocas que retratam.

O Filme

Iniciaremos a análise do documentário **A Árvore da Fortuna I** levando em conta seu caráter narrativo. Para tanto, recorreremos, primeiramente, a Cardoso e Mauad (1997), que adotam a definição de Robert Scholes, para quem a narrativa:

[...] repousa na presença de um narrador ou de um Medium narrativo (atores, livro, filme, etc.) e na ausência dos eventos narrados. Tais eventos estão presentes como ficção mas ausentes como realidades. Dada esta situação, é possível distinguir diferentes tipos de modalidades de narrativa segundo o grau variável em que se enfatiza, seja o processo narrativo imediato (um ator pode chamar a atenção para si mesmo como aquele que representa, ou um escritor para si mesmo como estilista), sejam aqueles eventos imediatamente apresentados. Usando nossa terminologia crítica habitual, pode-se dizer que uma narrativa é mais ficcional na medida em que enfatiza eventos narrados, mais lírica se enfatizar sua própria linguagem e mais retórica se usar a linguagem ou os eventos para algum fim persuasivo.

Como já afirmamos, o documentário, objeto de nossa análise, narra a história do ciclo da borracha na Amazônia. As imagens que abrem a narrativa do filme registram seringalistas fumando grossos charutos, acendidos com notas de quinhentos mil réis. São imagens que registram ricos comerciantes usufruindo dos lucros oriundos do "ouro negro", se entregando ao deleite propiciado pela sensação de fortuna. Diante dessa imagem, uma primeira pergunta nos ocorre: a Amazônia seria o paraíso da abundância, como mostra a imagem da queima das notas pelo seringalista, ou seria o inferno, tal qual foi tantas vezes descrita por anônimos?

A borracha é uma resina que revolucionou o mundo e é própria da região amazônica. Os portugueses aprenderam, com os índios, as diversas utilidades do látex, que era utilizado para o preparo de sapatos, de seringas e de bolas para jogos. A partir do domínio da técnica do processo de vulcanização, que assegurou sua elasticidade, ela tornou-se mais resistente. Logo depois, o uso do produto para fins industriais se estendeu por toda a Europa e Estados Unidos, e daí para o mundo.

Cabe salientar que foi a invenção do pneumático que fez com a industrialização da borracha tomasse um grande impulso, aumentando sua cotação

no mercado internacional. No decorrer de toda a segunda metade do século XIX, e durante os primeiros 12 anos do século XX, a Amazônia produzia, em média, mais da metade da produção mundial de borracha. Para que isso se tornasse possível, foi preciso aumentar a oferta de mão-de-obra na região. Para tanto, promoveu-se uma grande migração, oriunda sobretudo do Nordeste brasileiro.

Atento a isso, o documentário retrata que a região Amazônica possuía baixa densidade demográfica, insuficiente para produzir o látex de que necessitava o mercado internacional. As imagens mostram os "navios gaiolas" chegando a Manaus com os migrantes nordestinos e como eles eram proibidos de desembarcar na capital, tendo de ir diretamente para os seringais estabelecidos às margens dos rios.

Cabe aqui registrar a situação social do nordestino que, fugindo da seca, tinha esperança de melhorar de vida na Amazônia e voltar para o Nordeste. O filme revela que o seringueiro vinha sem a família e logo que chegava era considerado "brabo" por não conhecer a floresta e nem as seringueiras. Mulher nos seringais era coisa rara. Os seringueiros as encomendavam aos patrões como se fossem objetos. Dentre os estados nordestinos que migraram intensamente para a Amazônia, destacam-se: Ceará, Pernambuco e Rio Grande do Norte.

As levas de nordestinos e estrangeiros de diversas procedências foram atraídos para a Amazônia pela falsa expectativa de enriquecimento rápido, no trabalho de extração da borracha. Vieram, também, investidores externos, que se fixaram nas duas principais cidades da região: Belém do Pará e Manaus. Calcula-se que, entre 1870 e 1920, cerca de trezentos mil migrantes teriam provindo do nordeste. Cabe registrar que, contrastando com as expectativas, grande parte dessa população foi vitimada por epidemias e por diversas doenças adquiridas a partir de avitaminose, mas também pelas condições inumanas dos isolados seringais. Desse modo é que muitos desses brasileiros vieram a falecer na Amazônia.

A organização do trabalho era cruel para os seringueiros, uma vez que o aviamento², ou seja, um sistema de crédito em que o dinheiro não aparece e não circula, ocorrendo apenas o fornecimento de mercadorias a crédito, correspondia a uma verdadeira cadeia de dependências. A falta de capitais obrigava as casas aviadoras a se subordinarem ao capital estrangeiro e, por conseqüência, o seringalista a tornar-se devedor da casa aviadora e, de um modo mais comprometedor, o seringueiro a sujeitar-se ao seringalista por meio de dívidas impagáveis. De acordo com Santos (1980), no cume da cadeia de aviamento,

² Convém esclarecer que este termo **Aviamento** é uma derivação de aviar, que significa preparar, executar; o aviamento é, em seu sentido mais amplo, o conjunto dos utensílios ou dos gêneros necessários à realização de um objetivo. Na Amazônia, o termo aviamento refere-se ao sistema econômico que dá base ao extrativismo. Nesse sistema os termos aviado e aviador referem-se à estrutura hierarquizada do sistema tal qual é praticado desde o final do século XIX, quando se falava de casa aviadora para designar as casas de comércio especializadas no extrativismo. Os termos **freguês** e **patrão**, às vezes utilizados, evidenciam não só as relações econômicas, mas também sociais que se dão no extrativismo. In: AIBERTIN, Catherine. et al. *A Floresta em Jogo: o extrativismo na Amazônia central*. São Paulo: UNESP, 2000.

estavam as casas exportadoras, principais beneficiárias do regime de concentração de renda por via do engenhoso mecanismo dos "juros extras" e do rebaixamento do preço local da borracha.

As referidas casas aviadoras encarregavam-se, também, do transporte da borracha, da distribuição das mercadorias e dos migrantes nordestinos, nos seringais. Financiavam, ainda, expedições exploratórias da borracha. Não obstante, o mais comum era a casa aviadora servir como representante de grandes companhias compradoras de borracha, de Liverpool ou de Nova Iorque.

Convém registrar que o seringalista era o proprietário do seringal e a autoridade máxima, civil e militar. Impunha-se pela força, perseguia e punia brutalmente, tal como se fazia com os escravos, aqueles que o ofendiam, sobretudo os trabalhadores da coleta do látex. Ainda contava com uma estrutura de pessoal para controlar as atividades no seringal. Eis aqui os principais tipos sociais que povoavam essa cena:

- a) Gerente – atuava como subpatrão e dirigia tudo no seringal, sobretudo quando o seringalista viajava ou passava a morar em Belém ou Manaus;
- b) Guarda-livro – encarregava-se da escrituração comercial do estabelecimento: registro, contas, talões de vendas e outros;
- c) caixeiro – responsável pelo barracão da borracha, pela pesagem do produto, pelo depósito de víveres e pelo abastecimento do centro do seringal;
- d) Homens do campo – ocupavam-se com a conservação das benfeitorias do seringal, em geral trabalhando no plantio e retirada de madeira, além do conserto das barracas;
- e) mateiro – fazia o reconhecimento prévio das árvores para o corte, bem como a identificação das espécies vegetais;
- f) Toqueiro – encarregado de adentrar na mata para abrir estradas.

Essa galeria de personagens do seringal completa-se com os tipos sociais que apresentamos a seguir:

- g) Seringueiro – representa o trabalhador que se inseriu no interior da floresta para extrair o látex e produzir a borracha. O seu melhor retrato era o nordestino despossuído e fugitivo da seca daqueles sertões. Trabalhava em média 16 h/dia. Vivia isolado na beira da mata. A solidão era sua única companheira no dia-a-dia da saga do seringueiro. Porém endividado desde a chegada, não conseguia vencer as dívidas. Frágil diante da mal alimentação e das epidemias, ficava apenas no sonho o retorno impossível, onde muitos iam e não acordavam mais.

h) Comboeiro – incumbido de transportar comboios (lotes de burros com carga, na ida, de mantimentos para o seringueiro, na volta, de borracha para o barracão) da margem para o centro do seringal e vice-versa.

Como se percebe, as funções são definidas por uma forte hierarquia. Para Souza (1994), Euclides da Cunha foi um pioneiro ao denunciar a condição de vida aberrante desse pobre migrante seringalista, como se depreende nos passos que seguem:

“Nas paragens exuberantes das heveas e castilhões, o aguarda a mais criminosa organização do trabalho que ainda engendrou o mais desacomodado egoísmo”.

Contra esse estado de coisas, ele pede:

“urgência de medidas que salvem a sociedade obscura e abandonada: uma lei do trabalho que nobilize o esforço do homem; uma justiça austera que cerceie os desmandos; uma forma qualquer de *homestead* que o consorcie definitivamente à terra”.

É nesse contexto que Euclides da Cunha desvela e se enternece com o seringueiro explorado, tal como se pode depreender nessa outra passagem:

“[...] são admiráveis. Vimo-los de perto, conversamo-lo [...] considerando-os, ou revendo-lhes a integridade orgânica a ressaltar-lhes das musculaturas inteiriças ou a beleza moral das almas varonis que derrotam o deserto”.

Em razão da sua visão crítica e da franca denúncia que veiculou, Euclides da Cunha passou a ser considerado pelos “coronéis da borracha” como um pobre demente que não sabia o que dizia com sua literatura intrincada. Não obstante, Plácido de Castro, comandante do Exército Acreano, que conquistou o território cobijado por um consórcio imperialista, também criticou o poder dos coronéis. Esse gaúcho, combatia a monocultura cega da borracha, vislumbrava sua futura decadência e preocupava-se com o sistema arcaico dos seringais.

No documentário, o antropólogo Darcy Ribeiro dá um depoimento em que faz uma dura crítica à escravização da mão-de-obra indígena na extração do látex. A política voltava-se para a integração dos índios à sociedade nacional

h) Comboeiro – incumbido de transportar comboios (lotes de burros com carga, na ida, de mantimentos para o seringueiro, na volta, de borracha para o barracão) da margem para o centro do seringal e vice-versa.

Como se percebe, as funções são definidas por uma forte hierarquia. Para Souza (1994), Euclides da Cunha foi um pioneiro ao denunciar a condição de vida aberrante desse pobre migrante seringalista, como se depreende nos passos que seguem:

“Nas paragens exuberantes das heveas e castilhões, o aguarda a mais criminosa organização do trabalho que ainda engendrou o mais desacomodado egoísmo”.

Contra esse estado de coisas, ele pede:

“urgência de medidas que salvem a sociedade obscura e abandonada: uma lei do trabalho que nobilize o esforço do homem; uma justiça austera que cerceie os desmandos; uma forma qualquer de *homestead* que o consorcie definitivamente à terra”.

É nesse contexto que Euclides da Cunha desvela e se enternece com o seringueiro explorado, tal como se pode depreender nessa outra passagem:

“[...] são admiráveis. Vimo-los de perto, conversamo-lo [...] considerando-os, ou revendo-lhes a integridade orgânica a ressaltar-lhes das musculaturas inteiriças ou a beleza moral das almas varonis que derrotam o deserto”.

Em razão da sua visão crítica e da franca denúncia que veiculou, Euclides da Cunha passou a ser considerado pelos “coronéis da borracha” como um pobre demente que não sabia o que dizia com sua literatura intrincada. Não obstante, Plácido de Castro, comandante do Exército Acreano, que conquistou o território cobijado por um consórcio imperialista, também criticou o poder dos coronéis. Esse gaúcho, combatia a monocultura cega da borracha, vislumbrava sua futura decadência e preocupava-se com o sistema arcaico dos seringais.

No documentário, o antropólogo Darcy Ribeiro dá um depoimento em que faz uma dura crítica à escravização da mão-de-obra indígena na extração do látex. A política voltava-se para a integração dos índios à sociedade nacional

mediante o aliciamento das mais variadas etnias. O filme retrata a imagem dos cientistas estrangeiros percorrendo os diversos rios da Amazônia em busca de plantas que dessem lucros e poder, ou seja, pesquisando a biodiversidade amazônica. Em 1866, D. Pedro II franquia a Amazônia para a navegação internacional. Foi nesse momento que o nobre inglês, Sir Henry A. Wickham, levou da foz do Tapajós as sementes da *Hevea brasiliensis* para o Jardim Botânico de Kew, em Londres. Posteriormente a Inglaterra e Holanda iniciaram a plantação de seringueiras em suas próprias colônias com as sementes oriundas da Amazônia brasileira.

O filme mostra que, no final do século XIX, o mundo vivia o início de uma nova era nas relações internacionais. Registra também que a revolucionária alemã, Rosa de Luxemburgo, em seu livro, cita a Amazônia, como uma região explorada pelo capital internacional, principalmente o inglês. É interessante dizer brevemente, que no final do século XIX, com o aumento das exportações da borracha, a acumulação de capital, a urbanização das cidades eram inevitáveis. Principalmente a urbanização de Manaus e Belém.

Nos primeiros tempo da República, o governador do Amazonas, Eduardo Ribeiro, transformou Manaus em quatro anos; fez da cidade a mais nova *Paris brasileira*, tendo como emblema o teatro Amazonas. A cada dia surgiam novos palacetes com peças importadas da Inglaterra e de Portugal. Registre-se que o poderio econômico da borracha foi capaz de elevar o nível educacional da região, propiciando a criação da Universidade do Amazonas.

O documentário ainda faz interessante comparação entre o ciclo da borracha, no momento do seu apogeu, em 1912, em que produziu e exportou 42.410 toneladas de borrachas, o que representava 40% das divisas brasileiras, com o ciclo do café, em São Paulo, que era o principal produto na pauta das exportações brasileira.

O filme mostra a imagem do cultivo das seringueiras plantadas nas colônias da Inglaterra e da Holanda no Oriente. O capital inglês, nesse momento, encontrou uma maneira "honrosa" de sair da Amazônia, considerando que a mídia internacional criticava a organização social, ou seja, a forma de trabalho na Amazônia, por causa do elevado número de mortos na produção do látex. No ano de 1913, a produção da borracha brasileira foi suplantada pela produção Asiática. Tal plantação fora organizada de forma racional, dispondo de mão-de-obra abundante, barata e de fretes reduzidos. O custo da produção na Ásia era inferior ao da Amazônia, que continuava com técnicas primitivas e imutáveis na extração do látex. Enfim, a borracha nativa entrou em crise e não se pensava no seu cultivo. A partir daí, a produção brasileira, desamparada, caiu e nunca mais conseguiu alcançar os patamares de produção do começo do século XX.

O documentário retrata, ainda, que o atual Estado do Acre foi conquistado para o Brasil, à medida que os migrantes adentravam fugindo da seca nordestina para o interior da região, rumo ao Ocidente, em busca de seringueiras para a

extração do látex. As autoridades bolivianas reagiram contra a presença de brasileiros na região. Tal disputa somente chegou ao término com o acordo firmado entre Brasil e Bolívia, em 1903, chamado Tratado de Petrópolis, no qual concordaram em vender um território de 191.000 km², para o Brasil, pelo preço de dois milhões de libras esterlinas.

Considerações Finais

Em síntese, reafirmamos que o documentário objeto de nossa análise, **A Árvore da Fortuna I**, é um testemunho que retrata parte da história da extração comercial da borracha (*Hevea brasiliensis*), na Amazônia. Para nós, na qualidade de historiadora, trata-se de estabelecer um confronto entre a realidade construída pelo documentário cinematográfico e a realidade histórica. Desta perspectiva, o filme se imbuí de caráter de testemunho de uma época.

É com base na nova perspectiva documental dos *Annales*, que ocorre uma grande transformação da ótica tradicional da história. A partir dessa nova concepção, tanto a noção de documento quanto a de texto continuaram a ampliar-se e todos os vestígios do passado são considerados matéria para o historiador. Assim, novas modalidades textuais, tais que o cinema, a fotografia, dentre outros, tiveram seus *status* elevados à categoria de fontes dignas de fazer parte do esforço de análise de reconstrução histórica e, desse modo, tornaram-se passíveis de leitura por parte do historiador. Nesse contexto, é indiscutível a importância do cinema ou das fontes cinematográficas como marca cultural de uma época.

Conforme Gaskell (1992), alguns historiadores têm proporcionado valiosas contribuições à nossa visão do passado – e do local em que nele está inserido o material visual, usando as imagens de uma forma sofisticada e especificamente histórica.

Em relação à película objeto de nossa análise, podemos concluir que a **Árvore da Fortuna I** apresenta uma visão desdenhosa dos ricos coronéis da borracha, que desdenhavam da possibilidade de cultivo do *Hevea brasiliensis* em outra parte do mundo, considerando que o seu habitat natural era a região Amazônica. Por isso, acreditavam ingenuamente na exclusividade de seu cultivo. Os lucros com a exportação do látex eram fáceis; uma grande euforia dominava a região durante o “boom” da borracha; os coronéis entregavam-se ao deleite.

O filme evidencia que a partir do momento que a produção asiática suplantou a produção silvestre da Amazônia, veio a derrocada da economia regional, o que se deu juntamente com a saída do capital internacional. Esse processo atingiu a classe política e a vida, o cotidiano das pessoas da região. A ruína chegou rapidamente, registrando a falência: famílias inteiras em mudança, palacetes abandonados e os que permaneceram foram contaminados pela miséria.

A história do fim do ciclo da borracha na Amazônia não pode ser atrelada

apenas à concorrência asiática, mas também a fatores internos, uma vez que os representantes políticos da região não consolidaram uma política de defesa. Os lucros advindos do látex, foram canalizados para o consumo, não houve uma preocupação para transformar as condições existentes da produção do látex. Tomando esses dados, é possível fazer uma analogia, com a região sul do Brasil, que amadurecia promovendo a instalação de uma economia competitiva. Os empresários extrativistas da região norte viviam mergulhados na monocultura com uma estrutura antiga, incapaz de reagir à concorrência asiática. A elite amazônica não possuía alcance ideológico para tentar uma aliança com as classes hegemônicas, semelhante ao fenômeno sulista. A borracha, ao contrário do café, precisava de uma estrutura dinâmica (indústria de bens duráveis, como a automobilística, que o Brasil não possuía na época). A região Amazônica ficou, dessa forma, no marasmo sócio-econômico, sem perspectivas no futuro. De positivo, ressalte-se a incorporação do atual estado do Acre, ao território brasileiro. Conclui-se, ainda, que a pirataria na Amazônia é um fato antigo, haja vista que as sementes da *Hevea brasiliensis* foram contrabandeadas para a Inglaterra. Desse modo é que pesquisadores estrangeiros permanecem até a presente data vasculhando a região Amazônica, que é possuidora da maior biodiversidade do planeta, na busca de produtos que lhes dêem riqueza e poder. A nós, amazônidas, somente resta somar esforços a fim de administrar racionalmente o uso dos recursos naturais da floresta amazônica, para que a partir deles ocorram os avanços sociais, o desenvolvimento econômico, com respeito pela preservação ambiental. Nesse contexto, o filme torna-se um importante instrumento no processo de conscientização, considerando que a força da imagem é mais eloqüente do que palavras, levando dessa forma a discussão para a sociedade.

Bibliografia

- AIBERTIN, Catherine. et al. *A Floresta em Jogo: o extrativismo na Amazônia central*. São Paulo: UNESP, 2000.
- BIANCO, Bela Feldman e LEITE, Míriam L. Moreira (Orgs.). *Desafios da Imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. Campinas, SP: Papirus, 1998.
- BLOCH, Marc. *Introducción a la Historia*. México: Fondo de Cultura Económica, 1987.
- BURKE, Peter (Org.). *A Escrita da história: novas perspectivas*, tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da USP, 1992.
- CARDOSO, Ciro F. & VAINFAS (Orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CARDOSO, Ciro F. & MAUAD, Maria. História e Imagem: os exemplos da fotografia e do cinema In: *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FEBVRE, Lucien. *Combates pela História*. Lisboa: editorial Presença, 1985.
FLORES, Moacir. (Org.). *Cinema: imagens da história*. Porto Alegre: Evangrof, 2002.

_____, *Dicionário de história do Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

GASKELL, Ivan. História das Imagens. In: BURKE, Peter (Org.). *A Escrita da história: novas perspectivas*, tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da USP, 1992.

PRADO, Maria Ligia Coelho & Capelato, Maria Helena. A Borracha na economia brasileira da primeira republica In: *História geral da civilização brasileira (O Brasil republicano: estrutura do poder e economia (1889/1930))*. São Paulo: Difel, Tomo III, 1985.

REIS, Arthur Cezar Ferreira. *O Seringal e o seringueiro*. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 1977.

SANTOS, Roberto. *História Econômica da Amazônia (1800-1920)*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980.

SOUZA, Márcio, *Breve história da Amazônia*. São Paulo: Marco Zero, 1994.

WEINSTEIN, Barbara. *A Borracha na Amazônia: expansão de decadência (1850-1920)*. São Paulo: HUCITEC : Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

Documentário: A ÁRVORE DA FORTUNA I. Produção: T.V Cultura, São Paulo, 1992.